



## **A QUEM POSSA INTERESSAR**

A Secretaria de Comunicação do Sr. BABALORIXÁ DERISVAL SILVA DOS SANTOS (PAI SHELL TY OBALUAYE), vinculado ao **ILÈ IBÁ ASÈ KPÓSÚ AZIRI**, Terreiro de Candomblé com funcionamento mais longevo no Estado do Ceará, e a Associação *Ilê Iba Asè Kpósú Aziri* convidam para a seguinte atividade:

### **RELEASE SOBRE ATIVIDADES DE NATUREZA COMUNITÁRIA AMPLA:**

Data: **sábado, 01 de outubro** de 2022, 9h.

Local: Rua Campo Maior, nº 356, bairro Parque Dois Irmãos, CEP 60714-730, Fortaleza, Ceará.

Sugestão de vestimenta: branco, formal.

**CONTEÚDO:** atividade de intercâmbio cultural que compreende visita acompanhada de um judeu residente em Nova York (Sr. Alex Minkin), antropólogo visual oriundo de família hebraica de Ucrânicos, que visita o Terreiro de Candomblé em funcionamento mais antigo no Estado do Ceará, para registrar atividade de culto ancestral local, dirigido aos antepassados judeus então fugitivos para o Estado do Ceará, no contexto da perseguição religiosa por fundamentação racial, transcorrida durante o funcionamento do Tribunal do Santo Ofício (Inquisição Portuguesa) no Brasil Colonial e com efeito de proibição sobre os respectivos cultos ancestrais originais. Trata-se de localmente compreender sobre o percurso da memória, vinculada às antigas famílias de judeus no Ceará Colonial que forçosamente abandonaram suas ancestralidades no curso de trezentos anos de perseguição religiosa, contudo, uma vez sobreviventes transgeracionais, encaminharam parcela dos seus respectivos cultos de antepassados familiares, a partir de procedimentos disponíveis em tradições afro-brasileiras.



**PROPOSIÇÃO:** procedimento cerimonial regular que envolve um balaio/cesto preparado com alimentos e bebidas de terreiro, acrescido de alimentos e bebidas de sensibilidade cultural ao apetite de outro grupo étnico (judaico), conforme endereçamento ancestral por vinculação familiar de membros iniciados do terreiro. Depois de preenchido com oferendas, inclusive com nomes de familiares, nomes de linhagens familiares ou nomes de patriarcas geracionais, o cesto é fechado com pano e bandeirolas brancas (Oxalá) de pacificação. No salão principal do terreiro, conduzido por invocações cantadas pelo Senhor Babalorixá, o cesto é colocado na cabeça/*Orí* daqueles afeitos à ancestralidade visitada cerimonialmente. O cesto imediatamente ligado ao *Orí* roda em contato descalço, ao chão do Ilê, em sentido anti-horário, como quem retroage no tempo, antes das contagens e princípios visíveis, na direção da Origem. Ancestrais são convocados e homenageados, dirigindo-se aos mesmos comidas e bebidas celebrativas, acompanhadas dos tambores e cânticos sagrados presencialmente executados. Nesta relação entre dentro e fora, perto e longe, o cesto, então, será despachado ao mar, enquanto território ôntico, mítico e geomântico por onde ingressaram os muitos povos refugiados. Do oceano aberto, onde se deitam novos cânticos e oferendas, retorna-se ao terreiro para se passar Ebó (outra camada de oferenda protetiva, adequadamente preparada), diretamente sobre o chão que recebeu o suplício de pacificação sobre os mortos comuns, o chão e não o teto de Casa, o chão para onde se também convoca Exu: o caminho, outro caminho, o começo, outro começo, o resgate e a composição de memória. Exu dança e despacha, guarda a Porta. Este será o fim do ritual, para o sábado (01/10), compreendendo manhã e tarde.

**DESCRIÇÃO:** quando o sistema de oráculo no Candomblé sugere a iniciação de um novo filho, seguindo pelo culto específico nas forças ancestrais da Natureza, o processo ulterior de recolhimento e feitura, ou confirmação do respectivo Orixá, acomoda-se no mosaico ancestral, de um lado, entre a transferência de *axé* (força de vida) com operadores do mistério no terreiro e, do outro, as narrativas particulares familiares de sustentação transgeracional. Fato é que, também no Estado do Ceará, como em outras regiões do Nordeste, interpeladas em múltiplas diásporas e zonas forçadas de



invisibilidade para esta memória, também se observa a presença de corpos marcados com a longa transgeracionalidade judaica no Sertão Colonial brasileiro. Em nossa comunidade de prática espiritual local, assim como observado, em outros territórios afinizados pela elaboração do sagrado brasileiro, a partir da diáspora africana no horizonte da escravidão conduzida pela máquina de expansão imperial Ibérica, a investigação do Sr. Alex Minkin contempla novos encaminhamentos da memória, a propósito de judeus e memórias judaicas nos terreiros brasileiros. O Sr. Minkin identifica que ancestralidades familiares abrigadas nos corpos de iniciados para espiritualidades brasileiras diversas (dentre elas, Umbanda, Candomblé), por exemplo, redesenham modos de homenagem e pacificação<sup>1</sup> sobre o legado de práticas outrora violentamente interrompidas, por efeito de conversões forçadas sobre a memória ancestral judaica. Tratam-se de procedimentos oriundos de tradições espirituais vizinhas, no complexo emaranhado brasileiro de ontologias cruzadas, capazes de efetivar, aos seus termos e modos, um laço de afeto ancestral suficiente para repovoar o espaço esvaziado com a perseguição religiosa de fundamentação racial (também os judeus, além dos povos escravizados, dentre outros grupos étnicos).

Honrar ancestrais é um procedimento estrutural, na consolidação da resistência pertinente aos terreiros de Candomblé, através de múltiplos procedimentos de enfrentamento à destruição colonial da memória, no horizonte da diáspora afro-brasileira. Novamente, em um terreiro de Candomblé, realiza-se um procedimento regular, qual seja, de balaio oferecido aos ancestrais de iniciados ou interessados, todavia, aqui deslocado, da esfera de significado privado para uma dinâmica de convocação pública, onde convergem várias linhagens familiares, reconhecidas por um mesmo tronco judaico perseguido. A partir da herança imediata e documentada de um número de filhos de santo do terreiro local, oriundos de ancestralidades involuntariamente descontinuadas em face da violência persecutória colonial, um terreiro de Candomblé evoca, assim, a ancestralidade do Sertão cearense na interface do Exílio Judaico e da Inquisição Portuguesa. Neste terreiro, ademais, será a primeira vez que se canta e presta oferendas para um segmento da ancestralidade judaica,

---

<sup>1</sup> António Vieira, 1674: “(...) quem de uma vez teve a reputação de cristão-novo, por mais tempo que passe, todos os seus descendentes foram sempre cristãos-novos (...) e ficam cristãos-novos para sempre”.



enraizada localmente na história familiar de filhos já iniciados. Quantas outras ocasiões, no Candomblé do Ceará, todavia, se chamou nominalmente pelos ancestrais judeus dos seus filhos?

O movimento de natureza cultural e espiritual torna-se mais sensível pelo cruzamento simbólico das ancestralidades perseguidas convergirem, dos mesmos corpos, para um mesmo lugar físico: mediante a sustentação ritualística da Casa que se definiu, simultaneamente, como resistência, a partir da regulação e manutenção de uma presença ancestral, continuamente atentada, em diferentes processos civis. No assentamento principal da Casa, dedicado à Orixá Oxum, sua atividade manteve-se à revelia da destruição policial e racismo estrutural que, a muito outros espaços de culto irmão, visitou como tragédia. A permanência do longevo assentamento, com mais de 50 (cinquenta) anos, ultrapassou a criminalização da fé e seus intensos de apagamento coletivo, segundo legado de crueldade na escravidão e respectivo condão genocida, depois enfrentou a Ditadura e, mais recentemente, as ameaças políticas que fulguram na violência extremista/fundamentalista. Uma vez que se trata de ancestralidade mais larga, compartilhada anônima ou conscientemente por outros, dentro e fora da fronteira imediata do terreiro, amplia-se o convite para outros possíveis interessados, nos temas da ancestralidade e da memória transgeracional. Também localizada na experiência familiar traumática, de muitos grupos sociais vulnerabilizados, a oportunidade de um balaio rendido como homenagem histórica repovoa, entre os participantes, com afetos de linhagens ancestrais erodidos por limites familiares não menos dramáticos.

Além da sua particularidade de resistência étnica, os terreiros ofereceram acolhida e respeito para diversos outros povos e grupos socialmente vulnerabilizados. Enquanto galhos rejeitados no tronco da vinculação geracional familiar, por exemplo, os “conversos” foram tratados como apóstatas (desgarrados, desterrados) das suas comunidades originais – nem suficientemente cristãos, por seis ou oito gerações, segundo o prisma dos oficiais Inquisidores, nem suficientemente judeus, afastados que foram dos costumes e reprovados por rabinos. Não é motivo de admiração, todavia, que parte daquela descendência, por via consanguínea, tenha equacionado a necessidade de culto ancestral como enraizamento da sobrevivência, a partir de outros contextos de práticas locais espirituais. Muitas formas as histórias eclipsadas entre vocábulos



genéricos de Sertão, de Expulsões, de Tribunal de Santo Ofício, de Diáspora, de comunidades Serfaditas e Ashkenazim (famílias judaicas não apenas Ibéricas, também Alemãs, Francesas etc.), Ritos de Vida e de Morte forçosamente interrompidos, de línguas e costumes institucionalmente proibidos, de nomes de família modificados e camuflados, de memórias de violência no mundo com extensão na morte, sem quaisquer conduções litúrgicas adequadas.

De modo particularmente significativo, a iniciativa do sábado, 1 de outubro de 2022, desdobra-se após a data civil que, para os judeus, ocupa o Feriado de *Rosh HaShaná*, ou seja, o Ano Novo atual de 5783, onde os judeus entendem que o Criador estabelece o destino individual para o ano que se inicia. Imediatamente depois, verifica-se o Feriado de *Yom Kipur*, o Dia do Perdão, entre os dias 4 e 5 de outubro corrente, onde comunidades de perseguidos, então secretamente reunidos sob risco iminente de vida, anulavam votos ou juramentos obtidos por coerção, mediante a oração do *Kol Nidrei*. O intervalo entre o poente de sexta até o sábado, entre o Ano Novo e o Dia do Perdão, recebe o nome de Shabat do Retorno (*Shabbat Shuvah*), oportunamente, no sábado, 1 de outubro de 2022.

Por evocação localmente sobreimpressa, nesta ocasião, a memória dos expulsos de 1494 e 1496, judeus oriundos, respectivamente, da Espanha e de Portugal cristãos, acompanha-se dos trânsitos sucessivamente ameaçados pelas diásporas, alcançando o Brasil Colonial e o Sertão do Ceará, mediante exigência contínua de sobrevivência, refletida na interrupção forçada de crenças e de hábitos ancestrais. Também emprestado do respectivo calendário judaico, no pretexto de oferecer homenagens aos antepassados, trata-se de abrir as portas para convidados de honra, ou seja, convocar à memória de atributos reputados por celestiais emprestado da memória de sete humanos.

No contexto dos familiares consanguíneos a serem reverenciados, comuns aos dois grandes troncos judaicos sefarditas e ashkenazim, os sete (7) ancestrais remotos que serão honrados com as oferendas da cesta de alimentos evocam, outrossim, qualidades humanas transversais a diferentes práticas espirituais: amor e compaixão (Abraão); resiliência e força pessoal (Isaac); harmonia e verdade (Jacó); eternidade da palavra (Moisés); empatia e receptividade ao esplendor divino (Aarão); sacralidade e fundação



espiritual (José); o Céu ligado à Terra no Reino (Davi). Como descrever, portanto, o signo de mistério, por exemplo, de uma ancestralidade judaica remetida em compatibilidade relacional ao mistério iniciático dos Orixás Oxalá, Exu, Ayrá? Quantos outros Orixás, em suas especificidades ancestrais e operações anônimas, por diferentes territórios do Nordeste brasileiro, também habitam corpos referidos pela ancestralidade judaica descontinuada pela violência inquisitorial? Embora não habitualmente tematizadas pelo discurso, a interrogação, todavia, não alude um fenômeno recentíssimo, deste século vigente. Próprio à estratégia de enfrentamento e resistência às perseguições, os terreiros de Candomblé empenham uma oferta e sustentação com a força da vida, regenerando os assédios da morte dirigidos socialmente aos grupos historicamente vulnerabilizados pela incidência do genocídio colonial. Oferecer vida, neste particular contexto iniciático do Candomblé e suas negociações para evadir-se da morte prematura, implica um intervalo de silêncio em recolhimento, onde morte e renascimento produzem um novo pacto de sustentação, entre Céu e Terra, a partir do corpo iniciado. A matéria sobre a qual se infunde vida, outrossim, é o corpo e a ancestralidade real do buscador que, depois de iniciado, agremia nas paisagens de ancestralidade coletiva do terreiro uma pluralidade de processos que concorrem à sobrevivência dos povos ameaçados no Brasil. Pelas voltas silentes do mistério, ainda no mesmo terreiro, o invisível não se diz completamente, apesar dos seus vestígios sensíveis quando, por exemplo, no espaço iniciático do *roncó/útero*, reencontram-se duas famílias de inimigos ancestrais coloniais do Ceará, e um participa, como inscrição de novo vínculo superposto, à cabeça e destino modificado de um outro que, ao longo de centenas de anos (Moquecas e Mourões, Montes e Feitosas, Geraldos e Leites etc.), sua ancestralidade evocava a contínua perseguição do outro.

### **NOTAS BIOGRÁFICAS:**

#### **Sobre o pesquisador Sr. Alex Minkin:**

Ativista social judeu, investigador e documentarista das culturas populares, interessado nas relações entre Judeus e Espíritos de Judeus, no contexto das religiões brasileiras mediúnicas (Espiritismo Kardecista brasileiro e das religiões afro-brasileiras),



ministrando apresentações técnicas: no *Eighteenth World Congress of Jewish Studies* (Israel), no Congresso Nacional de Pesquisadores em Estudos Judaicos, no Programa de Pós-Graduação em História (UFS), na Sinagoga Hebraica de São Paulo, no Congresso de Antropologia e História da Religião (UFRPE), na *New York Public Library* (Manhattan), *The Workmen's Circle* (Manhattan), na *Forest Hills Library* (Nova York) etc. Antropólogo visual nascido em Moscou (Rússia), oriundo de família hebraica de imigrantes da Ucrânia, graduado na Yeshiva University (Nova York), pesquisador independente filiado ao Grupo de Estudos da Cabala e Suas Reverberações Culturais/Grupo de Pesquisa Diáspora Atlântica dos Sefarditas (UFS), presidente da Ticún Brasil (inspirado na premissa moral hebraica de *Tikun Olam*, ou seja, de reparar o mundo), organização parceira do Observatório das Favelas, dentre outras instituições nacionais. O Sr. Minkin estará no Ceará, no segundo semestre de 2022, para realizar entrevistas e filmagens, no âmbito do longa em curso "SARAVÁ SHALOM", dividindo coordenação do respectivo projeto com a Dra. Andrea Kogan.

#### **Sobre o *Babalorixá Shell ty Obaluae* e sua linhagem Iniciática:**

- *Iyalorixá* Maria Júlia da Conceição Nazareth (\*Ominiké) era mulher africana (origem Egbá, Nigéria) e escravizada, fundadora, em 1849, do Terreiro do Gantois (*Ilê Iá Omim Axé lamassê*, em Salvador, Bahia), por sua vez, oriunda do Candomblé da Barroquinha<sup>2</sup> (*Ilê Asé Airá Intilê*, fundado em 1830, com raízes na Irmandade do "Senhor Bom Jesus dos Martírios dos Crioulos Naturais da Cidade da Bahia" na Barroquinha, de 1760).
- A filha biológica de Ominiké, *Iyalorixá* Pulchéria Nazareth (\*Yá Yigüê) foi iniciada, por sua vez, ao Orixá Oxóssi.
- Quando não se iniciavam homens, especialmente *Iyaô* masculino para Orixá feminino, Iyá Pulchéria fez o santo de Oxum para \*Babá Olegário.
- João Alves de Torres Filho cedeu seu terreiro, outrossim, de modo que Pai Olegário conduziu a iniciação de Miguel Paiva (\*Deuandá de Yemonjá Ogunté), cujos primeiros Iyaôs foram posteriormente tirados na mesma Goméia.

---

<sup>2</sup> Instalado na Ladeira do Berquo, hoje rua Visconde de Itaparica, um Candomblé de escravas libertas (de origem Keto, no antigo reino do Daomé, atual Benin), próximo à Igreja da Barroquinha (Bahia), por membros da confraria de Nossa Senhora da Boa Morte.



- Babá Deuandá iniciou Pai Del de Oxum (\*Orumalé) e Pai Xavier de Obaluayé (\*Giriôman), fundadores, ademais, em 1975, do *Ilê Iba Kpósú Aziri*, em Fortaleza.
- Derisval Silva dos Santos ou Babá Shell *ty Obáluayé* (nascido em 1969 e com 44 anos de iniciado) foi apresentado ao Candomblé por Pai Del, sendo o atual líder para a Comunidade do *Ilê Iba Asê Kpósú Aziri*, tendo sua irmã, por *Yákekerê Lu ty Sangó* (nascida em 1971, com 40 anos de iniciada).

Sobre a pessoa do Sr. Derisval Santos:

Residente e apaixonado pela Cidade de Fortaleza, o Sr. Derisval Santos foi aluno de escolas públicas locais, concluindo seus estudos como arrimo principal de família, quando prestou concurso de provas públicas e logrou aprovação como funcionário público federal. Voluntariamente exonerado, concentrou seus esforços no desenvolvimento do Candomblé como território para circulação de culturas e de arte, onde a fé empresta sabedoria para enfrentar o estigma e a opressão nas diferentes camadas da miséria. Um filho do Orixá Omulu há quarenta anos e guardião de longo tempo de Oxum, suplicante da saúde e realização compartilhada dos potenciais da alegria, Pai Shell traduz seu ofício espiritual como lugar de vida em oferenda comunitária. Sacerdote vinculado à língua e cultura Yorubás, avalia como determinante o crescimento intelectual e profissional de todos os seus filhos iniciados. Palestrante e dialogador em contextos variados das trocas sociais, com mais de 60 filhos iniciados pela mão do seu destino, a palavra de Derisval é precisa, direta, transparente e afetiva. Defensor das liberdades e dos direitos humanos, o Sr. Derisval Santos é sacerdote na tradição afro-brasileira, militante antirracista de atitude firme contra intolerância religiosa e voz atuante contra o preconceito de gênero, cuja liderança faz-se particularmente sensível às adaptações políticas necessárias na condução do rito ancestral. Por reflexo, também o Candomblé que exercita recolhe o essencial da vivência com os Orixás, sem permitir que a tradição seja justificativa de violências institucionalmente naturalizadas. Logo que assumiu a chefia da casa religiosa herdada do seu pai, por equidade, de imediato garantiu que o assento principal e o comando dos atabaques fossem também representados por sua irmã Lu. A inserção periférica da comunidade que representa firma suas portas abertas para a dignidade humana, também reverberada na acolhida





de homens e mulheres de gênero transicionados. O Sr. Derisval Santos está à frente do processo referido como primeiro tombamento histórico do patrimônio imaterial cultural de um terreiro de Candomblé no Estado do Ceará.

**Sobre a Associação Cultural do Ilê Ibá Asè Kpósú Aziri:**

Além das dinâmicas pertinentes aos ritos sagrados, com sua agenda litúrgica permanente e atividades semanais de portas abertas, o terreiro faz-se representar como herança afro-diaspórica no tecido político, social e cultural, implicado na Capital de Fortaleza e com reverberação no Estado do Ceará. Mais objetivamente, enquanto organização da sociedade civil domiciliada no Bairro do Dendê (Fortaleza, Ceará), a Associação Cultural *Ilê Ibá Asè Kposu Aziri* (CNPJ nº 46674303-0001-90) participa de fóruns regionais qualificados para educação e diálogo antirracistas, com intervenções públicas em equipamentos sociais e eventos convidados. O compromisso na divulgação da memória afro-brasileira também repercute em iniciativas variadas, onde a Associação Cultural formula candidatura, na disputa por maior visibilidade em iniciativas da política pública e projetos culturais no Estado do Ceará, de modo a garantir contextos dialógicos para compreensão dos efeitos continuados da violência colonial, em suas manifestações desde a escravidão até o genocídio da população negra brasileira. A intensa formação comunitária ultrapassa o legado discursivo de natureza histórica e cultural, na medida em que suas práticas internas conquistam os corpos de novas gerações, pelos cantos, danças, comidas e ensinamentos que recepcionam jovens de várias estratificações sociais como futuro vivo do legado ancestral.

Fortaleza, Ceará, em 20 de setembro de 2022.

Informações e contato: **Bàbá Elèmosò Carlos de Oxaguiã**, telefone: +55 (85) 98786-6628, e-mail: carlosmouraon@gmail.com.